

As exéquias de D. Gaspar de Bragança na Sé de Braga

(um desenho inédito de Carlos Amarante)

ISABEL MAYER GODINHO MENDONÇA*

Abstract – *A recently discovered drawing by Carlos Amarante reveals the cenotaph built in the main chapel of Braga’s cathedral for the memorial ceremonies of the archbishop D. Gaspar de Bragança, who died in 1789.*

*O Tejo te viu nascer
Braga te vê governar
A memória te há-de ver
Em o seu Templo, Gaspar¹*

Assim se referia um poeta anónimo ao príncipe D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga, que nesta cidade viria a falecer a 18 de Janeiro de 1789, depois de ter dirigido os destinos da arquidiocese durante quase 31 anos. Embora mais efémero do que imaginava o poeta, D. Gaspar viria a ter, de facto, o seu “templo da memória”: o mausoléu erigido na capela-mor da sé bracarense, que constituiu o foco das atenções de todos os que assistiram às cerimónias das exéquias realizadas em sua memória, na tarde do dia 16 e na manhã de 17 de Março do mesmo ano.

O desenho do mausoléu, da autoria de Carlos Luís Ferreira Amarante, foi enviado para Lisboa a 29 de Março pelo desembargador Henrique José de Mendanha

* Doutorada em História da Arte pela Universidade do Porto. Professora do ensino superior. Bolseira da FCT.

¹ Biblioteca da Ajuda, *Collecção de poesias dedicadas a maior parte ao Infante D. Gaspar Arcebispo de Braga*, nº 19, fl. 71v. Citado por Eduardo Manuel Alves Duarte, *Carlos Amarante e o Final do Classicismo*, dissertação de mestrado em História da Arte, UNL-FCSH, 1996, vol. I, p. 29.

Benevides Cirne, acompanhando uma carta por ele dirigida a José de Seabra da Silva². Nela o secretário de Estado dos Negócios do Reino era informado sobre a forma como *o cabido desta Cathedral acaba(va) de dedicar a bem merecida memoria de Sua Alteza o senhor D. Gaspar*, demonstrando, através da construção do monumento efémero, *o desempenho de hum verdadeiro reconhecimento*³ para com a figura daquele príncipe e prelado ilustrado, mecenas das artes e da cultura, que tanto marcara a imagem da cidade. Ninguém melhor que o arquitecto autodidacta Carlos Amarante, protegido do arcebispo e autor de tantas obras por ele patrocinadas, para dar forma a este “templo da memória” até agora desconhecido, que aqui revelamos.

D. Gaspar de Bragança, príncipe de Portugal e primaz das Espanhas

Filho natural de D. João V e da religiosa Madalena Máxima de Miranda Henriques, D. Gaspar de Bragança foi baptizado na freguesia de S. Nicolau, em Lisboa, a 13 de Outubro de 1716⁴. A sua educação e a dos seus dois meios-irmãos, D. António e D. José, tal como ele bastardos régios, foi confiada a frei Gaspar da Encarnação, no século conhecido como Gaspar de Moscoso, franciscano do convento do Varatojo, reitor da Universidade de Coimbra, reformador da congregação de Santa Cruz em Coimbra e confessor de D. João V⁵.

D. Gaspar estudou Teologia no convento de Santa Cruz, continuando depois a sua formação em Lisboa, no convento de S. Vicente de Fora. Viveu com os seus

² Henrique José de Mendanha Benevides Cirne, desembargador e deputado da Mesa da Consciência e Ordens, chegou a Braga a 10 de Fevereiro de 1789. Fora nomeado pela rainha para fazer o inventário dos bens de D. Gaspar, no seguimento de um requerimento do Duque de Lafões, que queria ser ressarcido da dívida de 24 302\$257 réis que a mitra de Braga tinha para com ele, do espólio do arcebispo D. José de Bragança – Arquivo Distrital de Braga (A.D.B.), *Gavetas da Sé Vacante*, Mç. 14, nº 132, carta do Cabido da Sé de 28 de Setembro de 1789. A dívida foi paga em quatro prestações, entre 30 de Setembro de 1789 e 29 de Abril de 1790 – A.D.B., *Gavetas da Sé Vacante*, Mç. 13, nº 131, certidão passada em Cabido pelo escrivão do inventário dos bens de D. Gaspar, Gabriel Fernandes Rego, a 10 de Outubro de 1790. Na carta enviada ao secretário de Estado, o desembargador refere as dificuldades encontradas na elaboração do seu trabalho, que se prendiam com o inventário menos exacto executado em 1758, quando D. Gaspar chegou a Braga: *E enquanto ao inventario, seguro a vossa Excelencia, que nelle emprego manhãs e tardes; e que estaria mais adiantado se o do ingresso de Sua Alteza fosse menos confuzo, ou mais claro; pois parece incrível que de tantas canecas de prata descritas com seus pezos e lavores, se viece com grande trabalho a conhecer que erão outras tantas mostardeiras que em pezo, em numero e em lavor assim o manifestarão*. Na carta, o desembargador faz ainda uma alusão aos problemas levantados por “díscolos”, rapidamente sanados pelo Cabido – Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo (I.A.N./T.T.), *Ministério do Reino*, Maço 1000, Cx. 1123. Veja-se o Documento 1.

³ *Ibidem*.

⁴ Sobre a figura de D. Gaspar de Bragança, veja-se Manuel José dos Santos Farinha, *Subsídios para a história da “Lisboa Antiga” – O Palácio de Palhavã*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1923; António Ferrão, *O Marquês de Pombal e os “Meninos de Palhavã”*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923; José Augusto Ferreira, *Fastos episcopais da Igreja Primacial de Braga*, vol. III, Porto, 1932, pp. 329-383, e o resumo biográfico, amplamente documentado, de Eduardo Manuel Alves Duarte, *ob. cit.*, vol. I, pp. 29-56.

⁵ Frei Gaspar da Encarnação (1685-1752) foi sepultado na capela de Nossa Senhora da Encarnação, no convento de S. Vicente de Fora, junto ao coração de D. João V. Na mesma capela foram depositados mais tarde os restos mortais de D. António e de D. José.

dois irmãos no Palácio da Palhavã, nas imediações de Lisboa, arrendado pela casa real ao marquês de Louriçal, sendo por isso os três príncipes conhecidos como os “Meninos da Palhavã”⁶.

Embora D. João V tenha reconhecido a paternidade dos três bastardos em 1742, o reconhecimento oficial só teve lugar em 1752, já no reinado de D. José. Este, contudo, só viria a receber os seus irmãos em inícios de 1755, depois de uma cerimónia em S. Vicente de Fora.

A 23 de Agosto de 1756 um decreto real nomeava D. Gaspar arcebispo de Braga, sucedendo a seu tio, D. José de Bragança, falecido a 3 de Junho. A bula papal chegaria quase dois anos depois, a 13 de Março de 1758, confirmando a nomeação régia. A 25 de Julho era sagrado arcebispo na capela da Palhavã, tomando posse do arcebispado através do seu procurador e parente, D. Aleixo de Miranda Henriques, bispo de Miranda. A sua entrada em Braga ocorreu mais de um ano depois, a 28 de Outubro de 1759, e foi rodeada do aparato devido ao novo arcebispo primaz que era também príncipe de sangue real⁷.

Durante os 31 anos em que permaneceu à frente da arquidiocese, D. Gaspar, fazendo jus à sua linhagem real, rodeou-se do maior aparato e magnificência, que continuamente manifestou nas cerimónias dos pontificais, que em nada ficaram a dever aos da Patriarcal, nas exéquias e festividades com que exaltou a imagem da corte e nas numerosas visitas pastorais que realizou⁸.

Príncipe ilustrado, a sua vasta biblioteca, infelizmente desaparecida mas conhecida através de registos documentais, abarcava um amplo leque de áreas de interesse, da teologia e oratória sacra, à jurisprudência, literatura, história, ciências e artes⁹. A protecção que dedicou à Sociedade Económica dos Amigos do Bem Público, em Ponte de Lima, de que foi presidente, revela-o como um espírito iluminado, interessado no desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria no norte do país¹⁰.

Mecenas das artes, fundou novas igrejas, que fez construir de raiz (Nossa Senhora da Lapa e Santa Teresa), ampliando e reconstruindo outras (a igreja do Bom Jesus e

⁶ D. António, filho de uma francesa recolhida no mosteiro de Odivelas, era doutor em Teologia e clauveiro da Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo; D. José, filho de soror Paula da Silva, do convento de Odivelas, também doutor em Teologia, foi inquisidor-mor do reino. Cf. Manuel José dos Santos Farinha, ob. cit., pp. 45-62.

⁷ A entrada de D. Gaspar foi descrita no relato anónimo intitulado *Notícia da magnífica entrada que o Serenissimo Senhor D. Gaspar, Arcebispo Primaz das Hespanhas deo na cidade de Braga no dia vinte e oito de Outubro do presente ano e se referem tambem as grandes festas, que alli se fizeram com este motivo*, Lisboa, Of. de Francisco Borges de Sousa, 1759, e ainda por Bernardino José de Senna Freitas, *Memórias de Braga*, vol. III, Braga, Imprensa Católica, 1890, pp. 343-363.

⁸ Cf. José Augusto Ferreira, ob. cit., pp. 383, 384.

⁹ Cf. Pedro Vilas Boas Tavares, “A biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado: D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga (1758-1789)”, in *Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga*, vol. II/2, Braga, 1990, pp. 273-302, e Eduardo Duarte, ob. cit., pp. 57-61.

¹⁰ *Gazeta de Lisboa*, 20 de Julho de 1779, nº 29; 14 de Março de 1780, nº 11; suplemento de 17 de Janeiro de 1783, II, e 2º suplemento de 18 de Janeiro de 1783, II, referido por Eduardo Duarte, ob. cit., p. 47.

a igreja e hospital de S. Marcos). Tal como os seus antecessores mais próximos na sede do arcebispado (D. Rodrigo de Moura Teles e D. José de Bragança), também D. Gaspar quis deixar o seu nome ligado à renovação da Sé Catedral. As alterações aí introduzidas estão intimamente ligadas à sua intenção de reformular o Breviário bracarense (que não chegou a vingar) e à substituição do Cantochão antigo pelo moderno, de acordo com os modelos de Mafra e da Patriarcal¹¹.

As cerimónias fúnebres de D. Gaspar de Bragança¹²

A 9 de Janeiro de 1789 D. Gaspar adoeceu gravemente com *hum defluxo catarral*, de que já se queixava há alguns dias¹³. Na noite de 13 de Janeiro, não sentindo melhoras, apesar dos tratamentos que lhe foram aplicados¹⁴, pediu a Extrema-Unção e fez testamento, falecendo no domingo, 18 de Janeiro, das 8 para as 9 horas da manhã. Durante a doença, o Cabido, as congregações religiosas da cidade e os bracarenses em geral rezaram pela saúde do arcebispo, em manifestações de grande piedade, *fazendo os maiores excessos que nunca se fizeram por Perlado algum*¹⁵.

Vinte e quatro horas depois, o cadáver foi embalsamado e as vísceras enterradas na capela do Paço. Foi então vestido *de Hua vestimenta roixa mitra branca na cabeça Palio ao pescoso luvas roixas nas mãos e nellas hum Santo Christo Crucificado, anel no dedo e Coturnos ou sapatos lama (lhama) roixa nos pés*, e conduzido para a segunda sala *adiante da dos arcebispos*¹⁶. Nesta sala foi armado um *trono de altura de 4 palmos coberto de beludo preto bem guarnecido de galois em sima no qual deitarão um colção de cabelo por cima do qual lançarão hum cobertor de beludo roixo com galoins; e franja de ouro em sima do qual poserão o corpo de Sua Alteza assim vestido com huma rica almofada de seda de cor branca por baixo da cabeça*. Aos pés do cadáver foi depositado o chapéu arquiiepiscopal¹⁷.

¹¹ José Augusto Ferreira, ob. cit., pp. 370-373; e Maria Luísa Reis Lima, *A talha neoclássica bracarense*, dissertação de doutoramento em História da Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000, vol. I, pp. 206-230.

¹² As cerimónias que envolveram a morte e as exéquias de D. Gaspar foram relatadas por um autor anónimo – A.D.B., Ms. 341, *Livro curioso, que contem as principais novidades sucedidas no dizcurso de 35 annos principiando pello de 1755 athe o de 1790, escrito por um crioso natural da Nobre, e sempre fiel Cidade de Braga*. Segundo indicação manuscrita na contracapa do livro, o seu autor, que se identifica na própria obra como juiz da Irmandade de S. Vicente no ano de 1790, terá sido Miguel Luís de Araújo, tendeiro com negócio de capela em Braga, que em 1775 era mesário da Misericórdia. Bernardino de Senna Freitas (ob. cit., vol. III, pp. 285-292) tem sido a fonte principal das cerimónias que rodearam a morte de D. Gaspar, mas as notícias fornecidas por este autor “crioso”, que certamente testemunhou todas elas, são muito mais pormenorizadas e seguramente mais fiéis.

¹³ A.D.B., Ms. 341, fl. 607.

¹⁴ Além dos médicos de Braga, o arcebispo foi assistido por médicos de Guimarães e pelo abade Bento, mandado vir de Tibães, que exercera Medicina na cidade do Porto – Idem, ibidem. Os médicos de Braga receberiam de gratificação 12 moedas e os de fora 20 – Idem, fl. 622.

¹⁵ Ibidem, fl. 609.

¹⁶ Ibidem, fl. 612. Segundo Senna Freitas o bispo foi depositado na Sala da Rosa, ob. cit., p. 288.

¹⁷ A.D.B., Ms. 341, fls. 612, 613.

Em redor da essa foram colocados *quatro acentos de hua e outra parte em os quais se asentarão quatro conegos que asestião por turnos ao cadáver*. Por trás desta essa foi armado um altar com um crucifixo e seis velas, encimado por dossel de lhama roxa.

Na sala imediata foram armados outros seis altares com a mesma configuração e decoração¹⁸. A Sala dos Arcebispos foi transformada em sacristia: *nella estava hua meza comprida em sima da qual estavão seis vestimentas com o mais preparo para os Clerigos se paramentarem para dizer as missas. Tem a ilharga della o lavatório, e duas toalhas*.

O paço foi então armado com tecidos negros debruados com galões, que cobriram as paredes e os tectos da entrada e escada principal, da sala onde se colocou a essa e da sala contígua, onde foram montados os seis altares. Na Sala dos Arcebispos foram apenas revestidas as paredes *athe os frizos e não o teto*.

Durante quatro dias celebraram-se missas nos altares montados no Paço, bem como nos da Sé e demais igrejas, recebendo os oficiantes 240 réis de esmola por cada uma¹⁹. Durante esse período os restos mortais de D. Gaspar ficaram expostos aos bracarenses que desfilaram pelas salas armadas do Paço, prestando as suas últimas homenagens ao prelado – o Cabido, os membros da Relação e da Câmara, as várias congregações religiosas e o povo da cidade, vilas e povoações vizinhas²⁰.

Na quinta-feira, dia 22, pela manhã, foi celebrada missa de defuntos pelo Deão, D. Luís Xavier Pereira da Costa Vilhena, e pelo Cabido, ao som da capela musical de D. Gaspar²¹. Ao fim da tarde, *depois das Trindades*, o cadáver do arcebispo foi deposto num caixão forrado *de veludo preto por fora e por dentro de seda de ouro branca, tudo agaloado de galões largos*, e o mesmo colocado numa das suas carruagens, coberta de veludo negro debruado de galões e franja de ouro.

O cortejo desfilou então por entre duas alas de ordenanças da cidade e seu termo, ao longo da Rua Nova, passando pelos Açougues Velhos e daí até à porta da Sé. As irmandades e confrarias da cidade, com tochas acesas, e o povo de Braga acompanharam o préstito.

Precediam o coche com os restos mortais do arcebispo o Meirinho geral com o seu ajudante, *vestidos de pesado luto com baras nas mãos*, o Ouvidor e o Juiz de Fora, com os seus meirinhos, vestindo da mesma forma; os membros da Câmara e o escrivão, *com baras pretas nas mãos levando todos os chapéus na cabeça dezabados de trás, e fumos muito compridos*. Estes funcionários montavam *caballos todos cobertos de baeta preta athe os pés*, levando os magistrados criados à estribeira, segurando archotes.

Seguia-se o estribeiro de D. Gaspar, vestido de capa e volta *com hum criado a bulea com seu archote*; os 12 *coreiros* da Sé, a cavalo, envergando sobrepelizes e com tochas na mão²²; os dois porteiros da cana, vestindo capa e volta, empunhando

¹⁸ Ibidem, fls. 613, 614. Senna Freitas chama a esta divisão Sala do Relógio, ob. cit., p. 289.

¹⁹ A.D.B., Ms. 341, fl. 614.

²⁰ Idem, fl. 615.

²¹ A.D.B., Gavetas da Sé Vacante, Músicos do Partido da Sé, nº 132, fl. 7. Documento transcrito por Manuel Lopes Simões, *A capela musical da Sé de Braga no Arcebispado de D. Gaspar de Bragança (1758-1789)*, dissertação de mestrado em Ciências Musicais, Coimbra, Faculdade de Letras, 1992, Apêndice 8, p. 121.

²² Entoando salmos, segundo Senna Freitas, ob. cit., p. 291.

canas e maçãs, montando cavalos cobertos de baeta negra e acompanhados de estribeiros com archotes; o capelão²³ com a cruz *arvorada vestido comprido cabelo coberto e dois moços estribeiros com archotes*; o coche do Deão, paramentado com capa de asperges, e acompanhado por dois cónegos; o coche com os restos mortais do arcebispo, *com dous estribeiros dous moços de farda com archotes trazendo o das ilhargas ao pé do caixão dous reposteiros*; seguia-se *um outro coche de respeito e a este o Carinho (sic, por carrinho) de Gaspar da Costa*²⁴ *com elle dentro acompanhando esta função*²⁵.

Na igreja tinham sido montadas duas essas, cobertas de veludo negro debruado de galões dourados, a primeira no nártex da Sé, a segunda no seu interior, entre os dois púlpitos, colocada sobre uma plataforma de degraus. *As maiores dignidades do Cabido* conduziram o caixão, que passou por entre duas alas com os restantes membros do Cabido, a confraria do Senhor da Sé e várias irmandades. Nos dois coretos estavam os músicos da capela de D. Gaspar, que acompanharam *os officios da sepultura*²⁶. O estribeiro subiu então os degraus onde estava colocada a essa e fechou o caixão com uma chave de prata. Os membros do Cabido voltaram a pegar no caixão e depositaram-no na sepultura da capela-mor *em que se tinha sepultado o Senhor D. Jozé a qual estava toda forrada de madeira no meio da qual estava hum caixão de chumbo dentro do qual se meteu o em que hia o corpo de Sua Alteza e fichado tudo se conculuhuiu este grande acto*²⁷.

As despesas com a decoração do Paço, com a armação do féretro e das essas e com o cortejo fúnebre, no montante de 1037\$129 réis, foram apresentadas a 12 de Fevereiro ao Cabido pelos *officiais mercadores e tendeiros que para elle concorrerão com suas fazendas e serviços*²⁸. Os veludos, galões e franjões dourados, usados nas coberturas do caixão e do coche fúnebre, foram alugados, enquanto todos os tecidos de menor qualidade, utilizados na armação das salas do Paço, nas essas e nas coberturas dos cavalos, foram comprados pelo Cabido. Um montante elevado foi também despendido com a cera consumida durante os quatro dias que duraram as cerimónias (293\$000 réis) e com *materiais finos diversos* (276\$835 réis). Vários armadores e carpinteiros foram pagos pelo trabalho de decoração das salas e pela montagem dos altares e das essas²⁹. A direcção das obras esteve a cargo dos dois

²³ O cónego Francisco Xavier Machado, segundo informa Senna Freitas, *ibidem*.

²⁴ Era afilhado de D. Gaspar e foi referido no seu testamento com o perdão de uma dívida. A.D.B., Ms. 341, fl. 630.

²⁵ *Ibidem*, fls. 616-619.

²⁶ Com o “Memento a libera me”, acompanhado pela capela musical de D. Gaspar – A.D.B., Gavetas da Sé Vacante, Músicos do Partido da Sé, nº 132, fl. 7. Documento transcrito por Manuel Lopes Simões, *ob. cit.* p. 121.

²⁷ A.D.B., Ms. 341, fls. 619, 620.

²⁸ A.D.B., *Gavetas do Cabido*, Sé Vacante, Maço 13, nº 132. Estes documentos foram revelados e analisados por Manuel Joaquim Moreira da Rocha, “Cerimónias fúnebres de D. Gaspar de Bragança: doença, funeral, exéquias”, in *Actas do congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*, Évora, Universidade de Évora, 1994, pp. 109-126.

²⁹ A.D.B., *Ibidem*. Veja-se o resumo das despesas, in Manuel Joaquim Moreira da Rocha, *ob. cit.*, pp. 122, 123.

armadores do Paço e da Sé, respectivamente Luís de Sousa e Paulo Fernandes Gentil³⁰.

A 3 de Fevereiro, Francisco Pereira, sineiro e coveiro da catedral, fora já pago pelas despesas com a abertura das duas campas, uma na capela do Paço para o depósito das vísceras, e a outra na capela-mor da sé para a sepultura do cadáver³¹.

As exéquias e o mausoléu em memória de D. Gaspar de Bragança

A notícia da morte do arcebispo foi enviada a Lisboa no próprio dia em que D. Gaspar faleceu. A 30 de Janeiro regressou o mensageiro com uma carta da rainha, incentivando o Cabido a realizar exéquias adequadas à sua *grandeza*³². A 5 de Fevereiro iniciaram-se os trabalhos de armação do interior da Sé e de construção do mausoléu em memória do falecido arcebispo³³, que só terminariam a 16 de Março, o dia marcado para a celebração das exéquias³⁴.

As cerimónias começaram nessa tarde, tendo os officios das Vésperas sido presididos pelo Deão. A eles assistiram o Cabido, muitos clérigos de sobrepelizes, todas as comunidades religiosas e muito povo da cidade e das povoações vizinhas, que enchia completamente o templo. Os mestres que trabalharam na preparação da Sé para as exéquias – armadores e carpinteiros – assistiram igualmente às cerimónias³⁵. O Cabido contratou soldados em Viana para limitarem o acesso apenas a *gente limpa, e asiada*. No dia seguinte foi cantada missa pelo Deão, com a mesma assistência da véspera. Nos coretos, à entrada do transepto, os cantores da Capela, ao som de vários instrumentos, sob a batuta do mestre António Gallassi, acompanharam as cerimónias religiosas. A cerimónia encerrou com a oração fúnebre do dr. António José da Silva Camizão³⁶. Durante os dois dias celebraram-se 299 missas nos vários altares da Sé e do seu claustro³⁷.

³⁰ A.D.B., *Ibidem*, Doc. 6.

³¹ A.D.B., *Gavetas do Cabido*, Sé Vacante, nº 132, nº 2.

³² A.D.B., Ms. 341, fl. 624. A carta informava ainda sobre a vinda de Henrique de Mendanha Benevides Cirne, “Dezembargador apouzentado na Meza e Consciência assistente em Lisboa”, que iria proceder ao inventário por morte do arcebispo.

³³ Também para as exéquias o manuscrito do autor anónimo que temos vindo a seguir se mostrou de grande valor, pelas informações detalhadas que fornece sobre as cerimónias, descrevendo inclusivamente o mausoléu construído. ADB, Ms. 341, fl. 634. Veja-se o Documento 2.

³⁴ *Idem*, fl. 637.

³⁵ A.D.B., *Gavetas do Cabido*, Sé Vacante, nº 131, Doc. 49.

³⁶ António José da Silva Camizão, *Oração Fúnebre do Senhor D. Gaspar Arcebispo e Senhor de Braga*, Coimbra, 1790. Bracarense e *oppositor canonista* na Universidade de Coimbra, o dr. Camizão seria novamente o orador solene nas cerimónias, realizadas na mesma Sé em 1795, com que foi festejado o nascimento de D. António, príncipe da Beira (*Gazeta de Lisboa*, 16 de Maio de 1795).

³⁷ Por cada missa o oficiante recebeu 240 réis. A.D.B., *Gavetas do Cabido*, Sé Vacante, nº 131, Doc. 1. As notas de despesa referentes às exéquias foram igualmente reveladas e analisadas por Manuel Joaquim Moreira da Rocha, *ob. cit.*

O interior da Sé foi totalmente transfigurado com panos pretos cobrindo *ilbargas naves, e tetos de toda ella tudo ricamente agalulado; e cheio de tarjes com seus disticos aludidos ao assunto da função*³⁸. Taparam-se então os damascos de cor *cramezim com seus quadros no meio*, que revestiam os alçados da capela-mor desde as remodelações nela realizadas pelo mestre fabriqueiro de D. Gaspar, o cônego Manuel de Oliveira Vale, entre 1779 e 1781, e certamente também se retirou a sanefa de veludo lavrado da mesma cor, bem como o *ducel de seda cramezim de ramos de ouro* que cobria o altar-mor³⁹.

O monumento em memória de D. Gaspar foi montado na capela-mor, sobre a sepultura do arcebispo, de acordo com a legenda do desenho do mausoléu enviado pelo desembargador Henrique de Mendanha Cirne a José de Seabra da Silva⁴⁰, e não no cruzeiro como era usual.

O mausoléu erguia-se sobre uma plataforma de três degraus. Em forma de templete de planta octogonal, apoiava-se em oito colunas compósitas de fustes estriados e pedestais elevados. A cúpula de remate era composta por dois prismas octogonais sobrepostos, o inferior de faces convexas, o superior de faces côncavas rasgadas por óculos envolvidos de conchas e grinaldas. Encimava a cúpula um vaso no topo de um pedestal oitavado. Entablamentos curvos uniam as quatro colunas dispostas à direita e à esquerda de dois arcos semicirculares que permitiam a visualização da urna simbólica, localizada sob a cúpula, e apoiada numa essa suportada por *quatro meios corpos pintados de branco*⁴¹. Este conjunto erguia-se, por sua vez, sobre uma plataforma de dois degraus. A urna, com pés em forma de bola e garra, estava revestida *de sedas preciosas de ouro tendo em cima a Mitra crus e bacullo guardado de muitas luzes*⁴². Na face anterior da essa fora gravada uma inscrição alusiva à cerimónia, por cima do retrato do arcebispo, pintado numa tela oval envolvida por fitas e laços.

Sobre o arco anterior do mausoléu figuravam as armas do prelado, amparadas por dois meninos – o escudo português encimado pela coroa de príncipe, pela cruz e pelo chapéu de arcebispo. Quatro figuras de vulto, alegóricas, erguiam-se no entablamento, em pedestais que se sobrepunham às quatro colunas frontais: a Fé, duplamente representada por duas figuras femininas, uma segurando uma cruz e a outra ostentando um cálice, a Esperança empunhando uma âncora, a Caridade simbolizada pela figura que ampara duas crianças – as virtudes teológicas que tinham guiado D. Gaspar ao longo da sua vida. Num plano inferior, sobre duas mísulas adossadas

³⁸ A.D.B., Ms. 134, fl. 637. A essa decoração também se refere o desembargador Henrique José de Mendanha Benevides Cirne, na carta dirigida a José de Seabra da Silva que acompanhou o desenho para o mausoléu, informando que não enviava *o ornato de muitos emblemas, e do mais que funebre e ricamente cobria o grande templo desta Sé Primaz* – I.A.N./T.T., Ministério do Reino, Maço 1000, Cx. 1123.

³⁹ A.D.B., Ms. 341, fl. 404.

⁴⁰ *Perspectiva do Monumento que se executou nas Exéquias do Sereníssimo Senhor D. Gaspar na Capella Mor da Sua Cathedral Primaz das Hespanhas, etc.*, I.A.N./T.T., Ministério do Reino, Maço 1000, Cx. 1123.

⁴¹ A.D.B., Ms. 341, fl. 637.

⁴² *Ibidem*.

aos pedestais das colunas laterais, estavam representadas outras duas virtudes, estas associadas ao bom governante, lembrando que o arcebispo, além de príncipe da Igreja, fora também senhor de Braga: a Justiça, com a espada e a balança, e a Fortaleza, cingindo uma coluna.

As despesas realizadas com as exéquias estão igualmente bem documentadas: 51 róis com recibos de materiais ou de pagamentos a artistas e artífices envolvidos nas obras, antecedidos de uma relação resumida datada de 25 de Setembro de 1790, no montante de 3014\$200 réis. O Deão e o cónego Manuel de Oliveira Vale⁴³ assinaram o documento na sua qualidade de “Intendentes das Exéquias”⁴⁴.

Na relação incluem-se ainda pagamentos não justificados nos róis – *com a pintura do retrato 6.400 réis* (a tela oval representando o falecido, colocada na essa do mausoléu); *com o orador 48.000 réis* (o dr. Camizão, que proferiu a oração fúnebre); *com o Arquitecto Carlos Luís Ferreira da Crus Amarante 120.000 réis* (pelo desenho do mausoléu e possivelmente também pela concepção da decoração da Sé); *com a partida dos soldados 75.320 réis* (que vieram de Viana para vigiar a cerimónia); *com hum proprio que se mandou a Lisboa 12.800 réis* (certamente o postilhão que levou a notícia da morte do arcebispo à Corte); *com hum proprio a Viana outro ao Porto 2.830 réis* (provavelmente para tratar de assuntos relacionados com a vinda dos soldados de Viana e com a contratação dos armadores ou a compra de materiais na cidade do Porto)⁴⁵.

Vale a pena determo-nos sobre as informações relativas aos profissionais envolvidos e aos materiais por eles utilizados na armação da Sé e na construção do mausoléu⁴⁶. As despesas mais avultadas dizem respeito à compra ou aluguer de tecidos e passamanarias a diferentes fanqueiros e capelistas de Braga e do Porto e estão contidas em 30 dos 51 róis⁴⁷, com a menção de um vasto leque de tecidos de lã, linho, algodão e seda de diferentes qualidades – baetas, melânias, saetas, serafinas, duquesas, princesas, estamenhas, sarjas, sarjões, ruões, brins, veludos, veludinhos, duraques, droguetes, pelúcias, belbutes, volantes (tecidos leves e transparentes) e lhamas roxas. Também as passamanarias merecem menções concretas – galões largos e estreitos, brancos, amarelos e dourados, galões de pastilha, franjas e franjões de ouro e ainda as rendas, algumas entretecidas de prata, as fitas e “trenas” (fitas de seda, ouro ou prata).

Além do revestimento das ilhargas, colunas e tectos da Sé, que deve ter consumido grande parte dos tecidos e galões, encontramos referências concretas a tecidos

⁴³ Fora nomeado por D. Gaspar cónego fabricante das obras da Sé, iniciadas em 1779. Cf. A.D.B., Ms. 341, fl. 374.

⁴⁴ A 7 de Abril de 1789 são já referidos nessa qualidade, assinando um recibo por conta das despesas com as exéquias, incluídas no meio das despesas com o funeral. ADB, *Gavetas do Cabido, Sé Vacante*, Mç. 13, nº 132, Doc. 18.

⁴⁵ A.D.B., *Gavetas do Cabido, Sé Vacante*, Mç. 13, nº 131.

⁴⁶ *Ibidem*, Estas notas de despesa foram igualmente reveladas e analisadas por Manuel Joaquim Moreira da Rocha, que refere todos os nomes dos artesãos e tendeiros, ob. cit., pp. 123-126.

⁴⁷ *Ibidem*, Docs. 3 a 23, 26, 28, 30, 34, 35, 39 a 42.

para cortinas e sanefas – *384 côvados de belbute em cortinas e 33 sanefas de belbute bordado*⁴⁸. Alguns tecidos e passamanarias foram utilizados especificamente no mausoléu, embora nem o desenho de Carlos Amarante nem a descrição que temos vindo a seguir o revelem. São referidos baetas, saetas, serafinas, duquesas e estame-nhas, sarjas e ruões, veludos, galões brancos e amarelos e galões de pastilhas, com a indicação de se destinarem à essa de D. Gaspar⁴⁹. Outras baetas foram utilizadas para cobrir o pavimento – *para a esia da sse da Casa de João Luís Couto para servir no chão*⁵⁰. Galões e franjões de ouro foram aplicados na *urna e tumulo*⁵¹, além de 65 côvados de volantes⁵².

Nestas decorações trabalharam oito armadores sob a direcção de Luís de Sousa e Paulo Fernandes Gentil, os armadores do Paço e da Sé, que já encontrámos diri-gindo as montagens de panejamentos nos funerais de D. Gaspar⁵³.

Na construção do mausoléu foram utilizados materiais fornecidos por carpin-teiros, que também foram remunerados pelo seu trabalho: tabuado e forro de pinho, paus de castanho, traves, aros e arcos, pagos a António Pinheiro⁵⁴; duas bases de colunas, quatro *folhas de capitel*, uma voluta e ainda quatro garras (certamente para a urna) foram pagas ao carpinteiro Manuel José Correia, que também forneceu o caixilho para o retrato⁵⁵. Para este retrato foi ainda comprada uma vara de algodão a José da Fonseca e uma laçada de fita a Jerónimo José da Costa, capelistas de Braga⁵⁶.

Para a feitura das seis figuras alegóricas contribuíram algumas das tendas que venderam tecidos e ainda capelistas e vendedores de quinquilharia: a palha para encher os corpos foi comprada no Porto pelo armador da Sé Francisco Fernandes Gentil; as figuras foram armadas e vestidas em Braga por Francisco Xavier Furão, com *brim branco fino* comprado a Manuel José de Matos, também estabelecido em Braga. As mãos das imagens foram adquiridas aos pares: dois pares a Manuel Leite Pita, quatro pares a Francisco Xavier Furão, que também vendeu duas cabeças; as restantes quatro cabeças foram fornecidas por Manuel Joaquim Ferreira da Luz⁵⁷. Finalmente, as seis cabeleiras foram mandadas fazer ao *mestre cabeleira Cláudio Manuel da Costa*⁵⁸. As quatro estípites e respectivos atlantes *para sustentarem o*

⁴⁸ Ibidem, Doc. 41.

⁴⁹ Ibidem, Docs. 4, 11, 14, 39.

⁵⁰ Ibidem, Doc. 7.

⁵¹ Ibidem, Docs. 20 e 39.

⁵² Ibidem, Doc. 47. Muito utilizado na decoração das igrejas, o volante era um *tecido muito ralo, estreito e comprido, feito de fios de lã, entresachados com canutilho de cor de prata e ouro (...) de varias cores e prega-dos com alfinetes por muitos modos, e com diversas figuras, que os Armadores lhe dão com singular destreza* – Pe. Rafael Bluteau, *Vocabulário Portuguez e Latino (...)*, Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1721, vol. VIII, pp. 565, 566.

⁵³ Ibidem, Doc. 48.

⁵⁴ Ibidem, Docs. 2, 24.

⁵⁵ Ibidem, Doc. 32.

⁵⁶ Ibidem, Docs. 11 e 27.

⁵⁷ Ibidem, Docs. 24, 25, 26, 15, 28.

⁵⁸ Ibidem, Doc. 38.

Mausoleo nas Exéquias de Sua Alteza foram feitos por dois escultores da cidade: Francisco José Paredes e João Luís Correia Machado⁵⁹.

Uma verba importante foi paga a oito pintores de Braga, aparentemente sob a direcção de João José da Silva, que assina o recibo por todos, e ainda a um pintor de Lisboa, António José, que auferiu quase o dobro do mestre local⁶⁰, provavelmente o mesmo pintor que viera de Lisboa em 1781 marmorear os novos retábulos da Sé⁶¹. Em colaboração com os pintores trabalhavam os cinco empastadores contratados, cujos recibos foram assinados pelo chefe dos pintores, João José da Silva⁶².

A maior parte dos materiais constantes do *Rol das miudezas que forão para as Exéquias do Sereníssimo Senhor D. Gaspar*, pago a Joaquim José da Costa, foi utilizada por estes artistas na pintura dos *emblemas* que decoravam as paredes da Sé e na montagem e decoração do mausoléu: gomas, colas, óleos, vernizes, diluentes, gesso cré, grosso e mate, alvaiade grosso e fino, oca clara e escura, flor de oca (ocra), roxo rei, flor de anil, jalde claro e jalde queimado, vermelhão, zarcão, sombra, cinzas, *almeciga* (almácea), *fezes de ouro*, resinas, lacra (laca), charão fino e grosso, *bollo* (bolo arménio), papel dourado, livros de ouro fino, de prata, *ouro falso bom, ordinario bom, do mais ordinário* e ainda várias qualidades de papel e lápis⁶³.

A par destes materiais aparecem ainda pagamentos de ferramentas e acessórios relacionados com os vários ofícios: pincéis de dourar, *brochas romanas*, lixa e uma variedade enorme de alfinetes, pregos, pregos de estuque, tachas, arestas, balmazes, corda, cordel, guita, arame, ganchos, roldanas, tijelas, bacias e alguidares⁶⁴.

Na iluminação da Sé foram utilizadas tochas, *brandões* (velas de grandes dimensões) e lampadários. Para os coretos dos músicos foram fornecidas *bugias* e *bixeiras* (tubos metálicos para pavios)⁶⁵.

O último rol das despesas com as exéquias diz respeito ao pagamento efectuado aos vários cantores e músicos e a António Gallassi, que compôs a música tocada nas exéquias. A *muzica nova* foi copiada por João Rebelo, flautista, que por esse trabalho recebeu 2100 réis. Alguns dos músicos vieram do Porto, como refere o autor do manuscrito anónimo que nos conduziu na descrição das cerimónias⁶⁶.

As exéquias do arcebispo de Braga, D. Gaspar de Bragança, príncipe real e primaz das Espanhas, revestiram-se da *grandeza* exigida pela corte e justificada pelo seu nascimento e pelas funções que desempenhara em vida. No interior da Sé, vestida de

⁵⁹ Ibidem, Doc. 45.

⁶⁰ Ibidem, Doc. 46.

⁶¹ Veja-se Maria Luísa Reis Lima, "Carlos Amarante e a corrente estética no final do século XVIII. A obra de talha", in *Revista de Ciências Históricas*, Porto, Universidade Portucalense, 1998, vol. XIII, p. 248. Em 1782 António José dourou os retábulos de Santa Cruz e, no ano seguinte, o retábulo da capela-mor de Nossa Senhora a Branca.

⁶² A.D.B., *Gavetas do Cabido*, Sé Vacante, Mç. 13, nº 131, Doc. 46.

⁶³ Ibidem, Doc. 31.

⁶⁴ Ibidem, Docs. 31, 28 e 24.

⁶⁵ Ibidem, Docs. 27, 49 e 50.

⁶⁶ A.D.B., Ms. 341, fl. 638. Cf. Manuel Joaquim Moreira da Rocha, ob. cit., pp. 119, 120, que enumera os nomes e os montantes recebidos pelos cantores, pelos instrumentistas e pelo compositor.

negro e ouro e iluminada pela luz de múltiplas velas, erguia-se o mausoléu desenhado pelo seu protegido, o arquitecto Carlos Amarante, sobre o túmulo onde três meses antes o seu corpo tinha sido depositado em campa rasa. Ao som da capela musical de D. Gaspar, a cidade prestou assim a sua homenagem ao último “senhor de Braga”⁶⁷.

O mausoléu de D. Gaspar de Bragança e a obra de Carlos Amarante

O autor do mausoléu de D. Gaspar, Carlos Luís Ferreira Amarante (1748-1815), era filho de um músico da capela arquiépiscopal e ele próprio desempenhou funções na casa de D. Gaspar, que o nomeou porteiro da sua câmara em 1783. Artista autodidacta, na sua formação foi fundamental o contacto com a rica biblioteca do arcebispo, onde figuravam várias obras dedicadas à arquitectura e às artes plásticas⁶⁸. O “Cours d’Architecture” de Blondel, de que existiam os três volumes ilustrados na biblioteca do Paço, terá sido expressamente comprado pelo arcebispo para o seu protegido⁶⁹.

Carlos Amarante iniciou a sua actividade artística com riscos para retábulos e projectos para arquitectura civil, onde ainda é clara a adesão à linguagem tardo-barroca e rococó então dominante em Braga, muito influenciada pela obra de André Soares. Ao arcebispo D. Gaspar, Carlos Amarante ficou a dever a encomenda das suas obras mais emblemáticas em Braga: os novos projectos para dois importantes conjuntos arquitectónicos, o da igreja do Bom Jesus com o seu escadório (1781) e o da igreja e hospital de S. Marcos (1787). Nestas obras Amarante oscila já entre a utilização de soluções inovadoras de um classicismo depurado, bebidas na tratadística, e a permanência de elementos da tradição tardo-barroca e rococó local⁷⁰.

No mausoléu em honra de D. Gaspar encontramos também esse compromisso: as colunas compósitas, de fustes estriados sobre pedestais elevados, seguindo modelos clássicos, a par de uma cúpula barroca de formas côncavas e convexas sobrepostas. Carlos Amarante seguiu, na concepção geral do mausoléu, uma tipologia corrente muito utilizada em mausoléus, em forma de templete, com origem em Itália⁷¹, adaptando-a, contudo, a formas e modelos bem próximos no tempo e no

⁶⁷ A 19 de Julho de 1790 foi extinta a jurisdição secular dos arcebispos de Braga. Veja-se J. Augusto Ferreira, ob. cit., pp. 379, 380.

⁶⁸ Eduardo Duarte, ob. cit., pp. 57-64.

⁶⁹ Alberto Feio, *Uma figura nacional – Carlos Amarante*, Braga, 1950, p. 16; sobre este assunto veja-se Eduardo Duarte, ob. cit., p. 63.

⁷⁰ José Joaquim Ferreira-Alves, “Carlos Amarante”, *Dicionário do Barroco*, Lisboa, Presença, 1989, pp. 29, 30.

⁷¹ Na origem desta tipologia está o cenotáfio de Domenico Fontana construído para o papa Sixto V, erguido na igreja de Santa Maria Maggiore em Roma, em 1591, e repetido com poucas alterações, embora com a introdução de elementos barrocos, em 1765, no mausoléu de Francisco I, na catedral de Lucca. Veja-se Werner Oeschlin, Anja Buschow, *Architecture de Fête – L’architecte metteur en scène*, Liège-Bruxelas, Pierre Mardaga, 1984, figs. 106, 108, pp. 90 e 91.

espaço. Na cúpula repete, com poucas alterações, o remate da fachada da igreja de Nossa Senhora do Pópulo, que riscara em inícios de 80 para a congregação dos gracianos de Braga. Na origem deste modelo de cúpula bolbosa, tantas vezes repetido em Portugal ao longo do século XVIII, e constituindo por vezes o único traço barroco de muitas fachadas de igrejas construídas numa tradição de persistente arquitectura chã, terá estado a torre sineira da Patriarcal, desenhada pelo romano Canevari.

A mesma cúpula octogonal foi repetida no interior desta igreja, no retábulo do altar-mor, contratado em 1785 entre o Colégio e o mestre entalhador João Bernardes da Silva, que então se comprometia a realizá-lo de acordo com o risco fornecido⁷². As semelhanças entre este retábulo e o desenho para o mausoléu de D. Gaspar são evidentes [Figs. 5, 6]. A cúpula descarrega também num entablamento curvo que por sua vez se apoia em colunas compósitas, com o terço inferior sulcado; a face anterior é rasgada por arco semicircular permitindo visualizar com largueza a tribuna. Tal como no mausoléu, também aqui figuras alegóricas se erguem em pedestais sobre o entablamento, no eixo das colunas; imagens de santos relacionados com a ordem dos agostinianos apoiam-se em mísulas de volutas adossadas aos pedestais das colunas, tal como no mausoléu se apoiavam as alegorias às virtudes do bom governante. A cúpula é igualmente vazada por óculos nas faces convexas e rematada por urna apoiada em pedestal oitavado. No embasamento do retábulo encontramos óculos enquadrados por grinaldas, idênticos aos que rasgam a cúpula do mausoléu.

As evidentes semelhanças entre este retábulo e o mausoléu de D. Gaspar confirmam, julgamos que de forma inequívoca, que Carlos Amarante foi o autor, não só da fachada do templo, mas também do retábulo do altar-mor⁷³.

Apêndice documental

Documento 1

Carta de Henrique José de Mendanha Benevides Cirne dirigida a José de Seabra da Silva, Secretário de Estado dos Negócios do Reino, escrita em Braga a 29 de Março de 1789, enviando o desenho do mausoléu construído por Carlos Amarante para as exéquias de D. Gaspar de Bragança na Sé de Braga (I.A.N./T.T. *Ministério do Reino*, Maço 1000, Cx. 1123):

[Fl. 1] *Illustrissimo e Excelentissimo Senhor*

Devo por na Respeitável presença de Vossa Excelencia o mayor, e o mais devido obzequio, que o cabido desta Cathedral acaba de dedicar, a bem merecida memoria de Sua Alteza o senhor D. Gaspar; e consis-

⁷² Maria Luísa Reis Lima, ob. cit., pp. 252, 253, 276-279.

⁷³ Hipótese já aventada por Maria Luísa Reis Lima, em *A talha neoclássica bracarense*, p. 435.

tindo este nas magnificas exéquias que celebrou na tarde de dezasseis, e manhã do dia dezasette do prezente mez; me parece não devo também deixar de dizer a Vossa Excelência que forão o desempenho de hum verdadeiro reconhecimento, e o do conceito que se forma da industria dos habitantes desta Cidade; como a estampa da sua perspectiva, que remeto dá bem a conhecer, ainda sem o ornato de muitos emblemas, e do mais que funebre e ricamente cobria o grande templo desta Sé Primaz.

Igualmente devo representar a Vossa Excelencia que o mesmo cabido, prosegue em governar com louvavel moderação e justiça; e com a tranquillidade necessária; e posto que tenha havido algumas daquellas couzas que costumão produzir espíritos faccionarios; contudo tenho a satisfação de cá todo o modo, e com algumas influencias oportunamente ministradas se terem rasgado pellos mesmos Discolos as appellacoins interpostas; e destes com medo ou com vergonha se terem mais bem comportado.

E emquanto ao inventario, seguro a vossa Excelencia, que nelle emprego manhãs e tardes; e que estaria mais [Fl. 1v] adiantado se o do ingresso de Sua Alteza fosse menos confuzo, ou mais claro; pois parece incrível que de tantas canecas de prata descritas com seus pezos e labores, se viece com grande trabalho a conhecer que erão outras tantas mostardeiras que em pezo, em numero e em lavor assim o manifestarão.

Nada mais quero do que servir a Vossa Excelencia e obrar em tudo de forma que Sua Magestade se digne de aprovar com o seu Real Agrado Braga 29 de Março de 1789

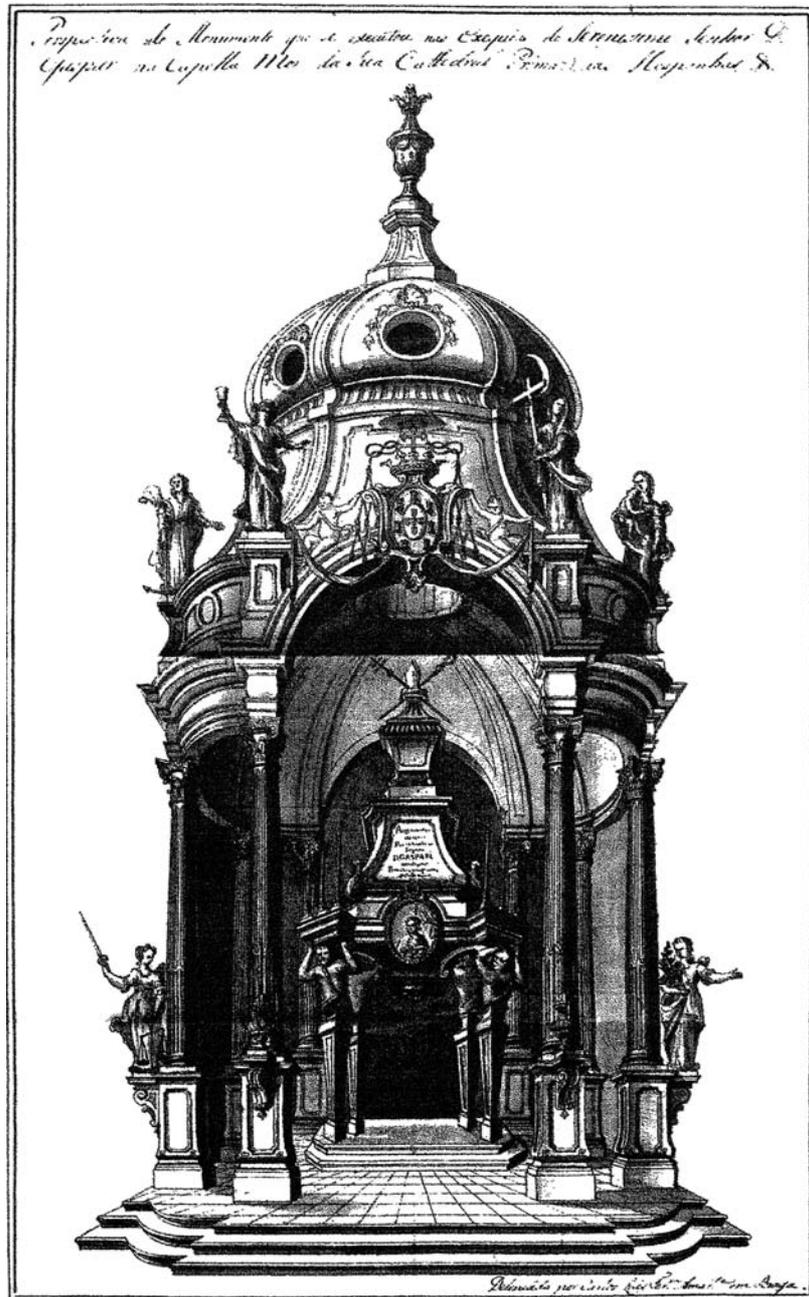
Illustre e Excelentissimo Senhor Joze de Seabra da Silva Ministro Secretario de Estado dos Negócios do Reino.

Documento 2

Descrição das exéquias realizadas pelo Cabido da Sé de Braga em memória do arcebispo D. Gaspar de Bragança (A.D.B., Ms. 341, Livro curioso, que contem as principais novidades sucedidas no dizcurso de 35 annos prencipiando pello de 1755 athe o de 1790. Escrito por hum Criso natural da Nobre, e sempre fiel Cidade de Braga):

[Fl. 634] 10. Em 5 de Febreiro deste anno [1789] se prencipiou armar a Sé para a função, das exequias do Senhor D. Gaspar em a qual trabalharão seis armadores efectivamente por os muitos carpenteiros que para ella trabalharão. (...)

[Fl. 637] 13. Em 16 de Março de 1789 se concluhuiu a armação das Exsequias do Senhor D. Gaspar o qual sexzuctou com todo o primor; e aseio como nunca se viu pois estava a Sé toda coberta de preto Ilhargas naves, e tetos de toda ella tudo ricamente agaluado; e cheio de Tarjes com seus dísticos aludidos ao assunto da função, na capella mor se armou hum rico, e Magestoso tumullo de baixo do qual estava a urna sustentada em quatro columnas que rematavão quatro meios corpos pintados de branco que fazião hua agradável vista em cima dos quais se via a figura do Caixão ricamente vestido de sedas preciosas de ouro tendo em cima a Mitra crus e bacullo guarnecido de muitas luzes levando toda esta ramação [sic] 46 dias nos quais se trabalhava [Fl. 638] com muita lixeireza não só os seis armadores desta cidade mas também mais dous que vierão de fora para se concluir neste tempo, e neste mesmo dia de tarde forão as vesporas do officio a que presedio o Dião assistindo todo o Cabido, e muitos clérigos de soberpelis todas as comunidades e hum immenço numero de povo não so desta cidade mas também das cidades, e vilas mais notáveis desta Província de sorte que sendo a Sé como he muito grande não se via nada de bago, e tudo gente limpa, e asiada pois de capote nada entrou porque estavam soldados de guarda as portas que os impedia, que para esse effeito mandou o Cabido vir de Vianna a muzica hera excelente e para o fazer mais numeroza vierão do Porto alguns intrumentais [sic]: [Fl. 639] no dia seguinte 17 de Marco se concluhuiu o officio cantando a Missa delle o mesmo Dião com assistencia de mesmo Cabido, clérigos, relegioins, Nobreza, e todo o mais povo como nas vesporas pregou o Doutor António Jozé de Azevedo Camizão desta cidade graduado na Univercidade de Coimbra o qual fez hua excelente oração fúnebre tal que todo o auditorio ficou satisfeito, acabado o qual continuou a missa e no fim della os últimos resposos, e com elles fim a este grande acto o qual se fês com todo o luzimento e aseio dando-se muita sera aos circunstantes despendendo-se nesta função melhor de 8 mil cruzados.



O projecto de Carlos Amarante para o mausoléu de D. Gaspar de Bragança.



Fachada da igreja e convento do Póculo, em Braga.



Torre sineira da igreja do Póculo.



Retábulo da capela-mor da igreja do Póculo.



Pormenor do remate do retábulo da igreja do Póculo.